

A mulher constituiu uma figura de controvérsia ao longo de vários períodos da história devido às restrições impostas por organismos legais e pela opinião pública. Foi, no entanto, durante os séculos XIX e XX, que a figura feminina e a sua representação social acompanharam as mudanças sociais características da época.

A valorização do processo de sociabilidade e lazer notada durante o período em questão, fez com que o espaço de clausura, silêncio e trabalho, que por norma estaria associado à vivência da mulher, se ampliasse no usufruto do espaço público (Lopes, 2018, p.14). Este estaria essencialmente representado através da participação de atividades filantrópicas e de caridade, da presença em instituições de cariz cultural e ainda em festas e romarias da cidade.

Focando a atenção ao espaço urbano, é fácil afirmar que as transformações- ainda que lentas e discretas- se salientaram essencialmente nas mulheres citadinas e nas que pertenciam a classes médias-altas.

Para que se possa estabelecer um paralelo comparativo, a mulher do campo por sua vez, tinha uma maior exposição pública do que a mulher da cidade. Esta exposição estaria ligada ao desenvolvimento de trabalhos agrícolas, que acresciam às tarefas domésticas e cuidados com a família que já lhe seriam impostos. A par disto, os momentos de lazer seriam passados com danças e cantares no final da lavoura e serões familiares.

As tímidas transformações associadas à figura feminina escandalizavam muitos espíritos e o surgimento de comentários de linguagem satírica e depreciativa tornaram-se uma constante na época. Segundo Rui Casção, senhores importantes da época defendiam *que o dever da mulher era primeiro ser bela e depois ser estúpida e que só depois devia ter duas prendas cozinhar bem e amar bem*. E ainda que *o lugar da mulher era junto do berço e não na biblioteca* (2011, p.231).

A mentalidade da sociedade conservadora da época é ainda notada através da análise de notícias publicadas no jornal vimaranense *Gil Vicente*. Na notícia em questão, o autor apesar de não identificado, abriu o artigo demonstrando o seu respeito e consideração pela mulher. No entanto, referiu que esta nasceu para fazer companhia ao homem, a quem tinha obrigação de ajudar e para desempenhar o papel de educadora da sociedade futura. Apenas estas tarefas lhe diziam respeito, ao contrário da vontade mostrada na época ligada ao desempenho de funções no espaço público entre elas ligadas à política. Face a isto, o autor

afirma que a mulher deixaria de o ser, ao ultrapassar o limite que lhe era imposto pela sociedade contemporânea[1]. Note-se que a notícia é referente ao século XX, ou seja poucos avanços se notava na sociedade portuguesa, sendo as vanguardistas, a nível europeu, a francesa e inglesa.

Dadas perspetivas gerais da mulher do espaço rural e urbano e a forma como a sociedade encarou as pequenas mutações notadas ao longo dos séculos XIX e XX, parece-nos pertinente referir a visão entre géneros. As mulheres eram diretamente associadas à esfera privada e a figura masculina à existência pública, escondendo as atividades femininas fora do lar e a intimidade vivida e sentida no masculino. Não era socialmente aceite que os homens exprimissem os afetos e o íntimo com a intensidade permitida às mulheres. Referimo-nos a título de exemplo aos rituais de passagem da vida privada (nascimento, casamento e morte, por exemplo), onde era frequente existir uma secundarização da figura masculina.

A sociedade europeia oitocentista, tentou efetivamente conter o poder crescente das mulheres, excluindo-as de certos domínios de atividade, canalizando-lhes as energias para o doméstico ou mesmo para o social domesticado. Felizmente, algumas delas não desistiram e ao longo dos séculos XIX e XX lutaram para que aos poucos fossem adquirindo direitos e igualdade de género, conhecidos e respeitados de uma forma geral pela sociedade atual.

A função social de mãe e esposa que no início do século XIX estaria associada à mulher, vai se desfazendo progressivamente até que no seu final e durante toda a centúria de novecentos, as identidades femininas se multiplicam e esta passasse a ser vista como mãe, trabalhadora, e sobretudo emancipada.

Apesar de toda a evolução sentida, ainda muitas alterações são necessárias, honrando e dando continuidade a lutas pelos direitos feitas no passado! Um dos objetivos 17 ODS (Objetivos de desenvolvimento sustentável) da ONU passa por “Alcançar a igualdade de género”, cujos objetivos gerais se referem ao fim da discriminação, de formas de violência ou qualquer tipo de ato que torna a figura feminina vulnerável, trabalhando e evoluindo, para que todas as mulheres possam usufruir da igualdade e dos direitos que lhe assistem.

[1] HSMS- *Gil Vicente*, nº23, 16.03.1919, p.1

Bibliografia:

Cascão, Rui (2011). Em casa: o quotidiano familiar. In Mattoso, J. (2011). *História da vida privada em Portugal. A época contemporânea*. (pp. 244-45). Lisboa: Círculo de leitores.

Lopes, Maria Antónia (2017). Estereótipos de “a mulher” em Portugal dos séculos XVI a XIX (um roteiro). in Maria Antonietta Rossi (2017), *Donne, Cultura e Società nel panorama lusitano e internazionale (secoli XVI-XXI)*. (pp. 27-44) Viterbo: Sette Città.

S.a. (1919). *Gil Vicente*. Hemeroteca da Sociedade Martins Sarmento. Guimarães.